

“UM GALO SOZINHO NÃO TECE UMA MANHÃ”: O MOVIMENTO DOCENTE NA PUC-RIO ENTRE OS ANOS 1977 E 1990

Aluna: Julia de Paula França

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves

1.0 - Introdução

Quando se fala em luta no âmbito universitário durante o Regime Militar (1964-1985) está muito vivo na memória popular a figura dos estudantes como líderes da batalha de oposição. A iniciativa e a coragem desses jovens são de fato admirável e de uma importância ímpar. Mas o campo acadêmico contou com outras categorias que alicerçaram o combate ao estado autoritário. Os professores foram um desses sujeitos. A PUC-Rio foi um lugar que, no período mais repressivo da Ditadura, recebeu professores cassados de outras instituições. No entanto, em um momento apresentado como mais pacífico pelo governo, onde a abertura lenta, gradual e segura estaria sendo colocada em prática, a Universidade se mostrou mais intransigente. Foi então que os professores resolveram se juntar e criar a Associação de Docentes da PUC-Rio (ADPUC), inaugurada em 1977, que lutou por democracia, melhores salários e condições de trabalho, entre outras reivindicações.

A forma como escolhi analisar a ADPUC tem muito a ver com o meu curso de graduação, que é o Jornalismo. Minha jornada começou quando ingressei como bolsista de Iniciação Científica no Núcleo de Memória da PUC-Rio. Vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos (VRAC), o Núcleo é coordenado pela professora Margarida de Souza Neves e pela pesquisadora Silvia Ilg Byington. Também conta com os pesquisadores Clóvis Gorgônio, Eduardo Gonçalves e Weiler Finamore, o fotógrafo Antônio Albuquerque e, atualmente, além de mim, com mais quatro bolsistas de Iniciação Científica: Amanda Guedes de Oliveira Santos, Eric Damião Duarte, Gabriella Juvenal Figueredo e Rodrigo Lauriano Soares.

Foi no Núcleo onde encontrei a incrível oportunidade de trabalhar com duas coisas que me dão enorme prazer: a escrita e a história. A partir da possibilidade, fiquei pensando em temas de pesquisa histórica que tangenciassem de alguma forma com o jornalismo. O pesquisador Clóvis Gorgônio me apresentou alguns periódicos que haviam existido na PUC-Rio e foi por meio dessa conversa que chegamos ao *Boletim da ADPUC*. Achei que cabia perfeitamente analisar o movimento docente a partir dos textos escritos pelos próprios professores membros da Associação no momento no qual os fatos estavam acontecendo. Como em uma apuração jornalística não pode faltar as entrevistas, optei também por trabalhar com memória oral, conversando com professores que foram associados à ADPUC.

Este relatório lista as atividades feitas por mim no período de julho de 2017 a julho de 2018, dividindo-se em duas etapas:

- Relatório Técnico: um resumo das atividades realizadas coletivamente e individualmente;
- Relatório Substantivo: o texto consolidando o trabalho individual da pesquisa.

2.0 - Relatório Técnico

2.1 – Atividades em equipe

No período compreendido neste relatório, o Núcleo de Memória realizou as seguintes atividades em equipe:

- Reuniões semanais com a participação de toda a equipe: coordenadores, pesquisadores e bolsistas; tendo como principais metas elaborar projetos, sistematizar a agenda de tarefas, trocar experiências, discutir textos produzidos pela equipe;
- Publicação do acervo através do website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Catalogação e sistematização do material documental através da digitalização e cadastro em metadados no Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;
- Reunião com a equipe para a discussão do romance “A chave de casa”, livro da doutora em Letras pela PUC-Rio, Tatiana Salem Levy. A reunião contou a presença da professora do Departamento de Letras da PUC-Rio, Marília Rothier Cardoso, que foi orientadora da Tatiana. Cada membro da equipe compartilhou opiniões e questões sobre escrever ficção em uma pós-graduação;
- Entrevista em equipe com a ex-professora do Departamento de História da PUC-Rio, Berenice de Oliveira Cavalcante. A professora fez parte da Associação de Docentes da PUC-Rio, tema do meu relatório substantivo. Na reunião, Berenice falou da sua vida profissional, da ADPUC e da Universidade e os membros da equipe puderam expressar suas reflexões e questionamentos;
- Digitalização e catalogação de fotos do acervo do Comunicar cedidos ao Núcleo de Memória;
- Consulta a professores, pesquisadores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas para o processo de catalogação;
- Atendimento a solicitações relativas às pesquisas no acervo, cessão e autorização de uso de documentos e perguntas sobre temas abordados. As consultas, internas e externas à Universidade, são respondidas diretamente pela equipe ou encaminhadas aos setores responsáveis;
- Realização de seminários teóricos internos com a participação da equipe para a discussão de textos sobre o conceito de Memória. Este ano, a equipe trabalhou com os seguintes textos:
 - 01 - Seminário realizado pela professora Margarida de Souza Neves em setembro de 2017 com o tema “Memória: Diálogos”. Esse seminário discutiu os diferentes conceitos de memória - a construção de memória; a relação entre memória e história; memória em um mundo globalizado; abusos da memória; e identidade, memória e projeto - segundo os seguintes autores: Jacques Le Goff, David Lowenthal, Gilberto Velho e Jeanne Marie Gagnebin. O diálogo entre os autores sobre o conceito de memória é importante para entendermos as noções fundamentais sobre o assunto.
 - 02 - No dia 13/11/2017 realizamos um seminário teórico, apresentado pelo bolsista Rodrigo Lauriano Soares, sobre o texto “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” do livro “A Interpretação das Culturas” do antropólogo Clifford Geertz. O intuito era discutir sobre a noção de descrição densa a fim de pensar em como pode ser utilizada nos trabalhos de Iniciação Científica, principalmente em como operar com ela nas análises dos documentos. Também foi debatido a influência da Antropologia nos estudos da História e as características da História Cultural.
 - 03 - Em 19/02/2018 foi realizado um seminário pela professora Margarida de Souza Neves sobre o livro “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, da escritora Ecléa Bosí. Os capítulos abordados foram “Tempo de lembrar” e “Dona Brites”. O objetivo do seminário era discutir o conceito de memória oral e de como essa poderia ser aplicada nos trabalhos de Iniciação Científica, através da análise de entrevistas feitas pelos bolsistas dentro dos temas trabalhados por cada um. Nesse sentido, as lembranças moldam-se através da memória oral e essa, por sua vez, se mostra

fundamental na construção da narrativa de um indivíduo ou lugar, afirmando a memória como função social.

04 - Seminário realizado em abril de 2018 sobre o documentário “Nostalgia da luz”. Ele foi utilizado para analisarmos o conceito de memória presente nas cenas sobre o espaço. Aborda mulheres chilenas que perderam seus entes queridos, durante o período da ditadura militar no Chile, e buscam no deserto de Atacama partes de seus corpos; e um sobrevivente cego de uma prisão no mesmo deserto que lembra suas dimensões através dos passos. O seminário trouxe a ideia de que vivemos de memórias, além de auxiliar na compreensão de que a memória se faz no tempo presente. *Nostalgia de la Luz*. Direção: Patricio Guzmán. Local: França/Alemanha/Chile. Atacama Productions, 2010. 90min, som, cor. Para complementar realizamos a leitura do artigo “Memória em três atos” da Eliane Dutra, que apresentou outros temas ligados à memória, prosseguindo a discussão do seminário sobre o documentário. DUTRA, Eliane de Freitas. Memória em três atos: deslocamentos interdisciplinares. Revista USP, n. 98, p. 69-86, jun/jun/ago 2013.

05 - Seminário realizado em junho de 2018 sobre o primeiro capítulo intitulado "Na caverna de Platão", do livro "Sobre fotografia", da escritora e filósofa Susan Sontag. O seminário foi apresentado pelo professor da disciplina Fotojornalismo, do Departamento de Comunicação Social, Weiler Finamore Filho. A partir da leitura, pode-se pensar sobre a função que as imagens ocupam na sociedade contemporânea, marcada por uma “cultura do excesso”. Com isso, foi discutido de que modo deveríamos encarar a atividade de fotografar, como também a forma com a qual poderíamos trabalhar com a fotografia em nossos textos.

2.2. Atividades individuais

Durante o mesmo período que constam as atividades em equipe, realizei as seguintes tarefas:

- Participação na oficina de metadados, promovida pelo pesquisador Clóvis Gorgônio. Nela pôde-se perceber os diversos tipos de documentos que existem, como funcionam os sistemas de catalogação e com o auxílio do pesquisador Eduardo Gonçalves, cadastramos algumas fotos no banco de dados do Núcleo de Memória;
- Cadastro de fotos de eventos da PUC-Rio no acervo do Núcleo de Memória. A seguir um exemplo de uma ficha de metadados de uma coleção de fotografias do evento “Eleições para o Diretório Central dos Estudantes da PUC-Rio” cadastrada por mim:

Eleições para o Diretório Central dos Estudantes da PUC-Rio.

CÓDIGO:	jp0002
AUTORES/CRIADORES:	ALBUQUERQUE, Antônio
DESCRIÇÃO:	Eleições para a nova chapa do Diretório Central dos Estudantes(DCE) no ano de 2015.
IDENTIFICADOR:	20151111- Eleições para o DCE
CONTRIBUIDORES:	s.c.
EDITOR/PUBLICADOR:	Núcleo de Memória da PUC-Rio
DATA DA CRIAÇÃO:	11/11/2015
RELAÇÕES DO DOCUMENTO COM OUTROS:	Acervo Núcleo de Memória da PUC-Rio
NÚMERO DE PÁGINAS/TAMANHO EM KB:	n.a.
FONTE:	Núcleo de Memória da PUC-Rio
IDIOMA:	<u>português</u>
DIREITOS AUTORAIS:	Direitos de uso, reprodução e manuseio reservados à PUC-Rio.
NATUREZA DO DOCUMENTO:	Imagem digital
LOCAL:	Pilotis Ala Kennedy

- Cadastro de fotos do acervo do Comunicar no acervo do Núcleo de Memória;
- Elaboração de uma pesquisa sobre outros centros de memória. Nela, observei se havia ou não a existência de um acervo nas instituições, se esse estava disponível ou não online e se a instituição se comunicava ou não com o público por meio de redes sociais;
- Revisão e cadastro dos livros da biblioteca do Núcleo de Memória em um catálogo interno;
- Seleção e digitalização de documentos sobre a Associação de Docentes da PUC-Rio arquivados nas pastas da Reitoria;
- Organização e catalogação dos objetos armazenados nos armários da Reitoria da PUC-Rio. A partir desse trabalho, em conjunto com o pesquisador Eduardo Gonçalves e a bolsista Gabriella Juvenal Figueredo, foi montada uma exposição permanente dos objetos relativos à Reitoria, conforme fotografia abaixo registrada pelo fotógrafo Antônio Albuquerque do Núcleo de Memória da PUC-Rio:



- Leituras realizadas para a base teórica da pesquisa:

01. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Revista Projeto História, no. 10 - **História & Cultura**. São Paulo: PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dez. 1993. p. 21.
02. LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi volume 1: História – Memória**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
03. GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. p. 13-41.
04. AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **Revista História**, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.
05. GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 143-179.
06. FERREIRA, Jorge; REIS Filho, Daniel Aarão (Org.). **As esquerdas no Brasil: revolução e Democracia (1964...)**. V. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 595- 635.
07. SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 437-497.
08. OTRANTO, Celia Regina. Movimento Sindical Docente: história e crise. **Revista Universidade Rural**. Série Ciências Humanas, Seropédica - RJ, v. 22, n. 2, p. 213-230, 2000.
09. RIDENTI, Marcelo Siqueira. ANDES: Representação Política e Sindical de Professores Universitários. **Revista Cadernos de Pesquisa**, n.93, p.72-80, 1995.
10. DONATONI, Alaíde Rita. Os Docentes Universitários e a Criação do ANDES - SN. In: **Educação e Filosofia**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. n° 35/36, v. 18, p. 179-206, 2004.
11. MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. **A Imprensa na História do Brasil - Fotjornalismo no Século XX**. Editora PUC-Rio 2005. p. 136- 197.

12. Leitura da transcrição da entrevista realizada em outubro de 2014 pelo Núcleo de Memória da PUC-Rio com o professor Eduardo Jardim e da entrevista realizada em 2017 com a professora Berenice Cavalcante.

A seguir, segue o Relatório Substantivo produzido a partir da minha pesquisa.

3.0 – Relatório Substantivo

“UM GALO SOZINHO NÃO TECE UMA MANHÃ”: O MOVIMENTO DOCENTE NA PUC-RIO ENTRE OS ANOS 1977 E 1990

3.1 - Introdução

Uma universidade como a PUC-Rio é construída, sobretudo, de trocas. Nela, o professor compartilha seu conhecimento com os alunos, ao passo que também aprende com eles. Estudantes de graduações distintas dividem o mesmo espaço e, por vezes, até a mesma sala de aula. O universo acadêmico critica e dialoga com questões que dizem respeito ao país e ao mundo. Desse modo, as trocas não se limitam às paredes das salas de aula e, tampouco, aos muros da Universidade.

A PUC-Rio de hoje é interdisciplinar, plural e democrática por conta das diversas transformações pelas quais passou ao longo de sua história. Cada sujeito individual ou coletivo [1] que já fez parte da comunidade acadêmica teve, em diferentes momentos ou intensidade, uma contribuição nessa contínua caminhada. É na memória dos alunos, professores e funcionários que vive parte imprescindível da história da Universidade. Então, para entender a PUC-Rio hoje é preciso que se estabeleça um permanente diálogo entre história e memória, dando a cada sujeito a devida voz que merece. Para o historiador Jacques Le Goff [2], essa relação entre história e memória se dá de forma dialética, já que a memória é entendida como o lugar onde cresce a história e essa, por sua vez, é alimentada pela memória. Há uma precedência da memória sobre a história: na tradição grega a memória é apresentada como mãe da história e ambas devem receber a mesma importância na hora da análise.

A atenção deste trabalho tem como foco a história e a memória da categoria dos professores, com recorte na luta iniciada por eles no período da redemocratização política no Brasil. Foi nessa época que o movimento docente se fortaleceu e houve o surgimento de Associações de Docentes (ADs) em várias universidades [3]. Essa integração dos professores objetivava elaborar outro papel histórico para a universidade, que teria um teor essencialmente político – o que explica a aparição dos atritos com as autoridades administrativas e governamentais, já que passou a “representar uma ameaça real de influência política” [4].

A ideia que o governo do presidente Ernesto Geisel foi responsável por uma abertura política lenta, gradual e segura, caracterizando um pacífico retorno à democracia, hoje vem sendo desconstruída. Um memorando secreto da CIA recentemente divulgado pela grande imprensa revelou que Geisel autorizou a execução de opositores durante o seu mandato. O que comprova que, durante o período, os diferentes setores da sociedade ainda tinham pelo que lutar. Como apresentado por Célia Regina Otranto, as ADs podem ser vistas como um dos segmentos dos novos movimentos sociais urbanos que vinham ganhando fôlego à época, em decorrência do “esgotamento do regime autoritário e do desmoronamento do chamado ‘milagre econômico’” [5]. Esses novos movimentos tinha um porquê de existir e exerceram um papel importante na resistência ao estado autoritário e surgiram em diferentes instâncias, presente em associações de bairros, igrejas ou em universidades. Ao longo do que o governo considerou como um período de abertura política, lutaram por liberdade de expressão, anistia ampla e irrestrita e por eleições diretas.

Foi nesse contexto que, no ano de 1977, foi fundada a Associação de Docentes da PUC-Rio (ADPUC), objeto de estudo desta pesquisa. A ADPUC, em um primeiro momento,

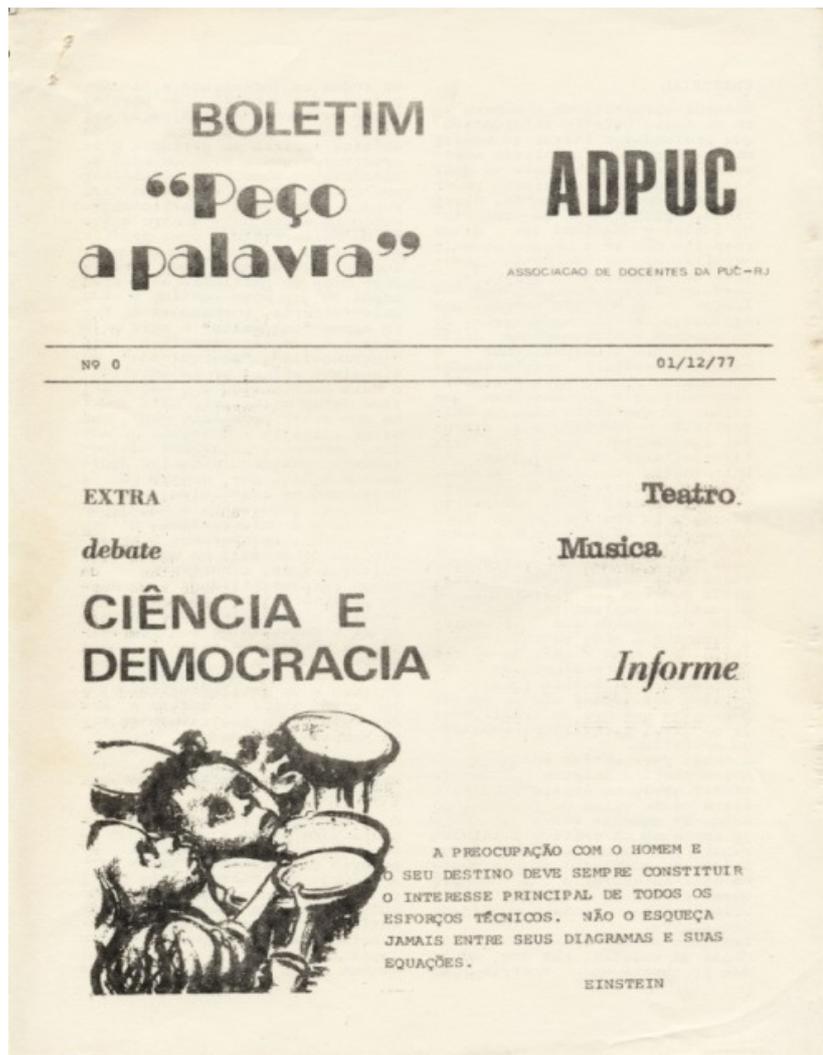
reivindicava por democracia, tanto nos âmbitos internos da Universidade, como em todo país. Posteriormente, entraram em pauta questões econômicas e trabalhistas, aproximando-a do movimento sindical. Durante sua existência, houve alianças com outras ADs e com o movimento estudantil. Em contrapartida, houve também atritos, sobretudo, com a Administração Central da Universidade.

A documentação estudada para a elaboração desta pesquisa foram os exemplares encontrados de um periódico da Associação, chamado de *Boletim da ADPUC*, que datam de dezembro de 1977 até outubro de 1990. O acervo do Núcleo de Memória da PUC-RIO conta com as edições que foram cedidas pelos professores João Célio Barros Brandão (CETUC) e Maria Augusta Davidovich (Departamento de Física) e também com as que foram encontradas no acervo da Reitoria da Universidade. Além disso, foram feitas entrevistas com professores que fizeram parte do movimento. Os docentes entrevistados foram Berenice de Oliveira Cavalcante (Departamento de História) e Eduardo Jardim de Moraes (Departamento de Filosofia). Dessa forma, foi buscada uma interação entre o jornal e a memória oral como fontes históricas.

3.2 - A criação da ADPUC e o exemplar número zero

Para além dos movimentos que estavam ocorrendo no Brasil - como a greve do ABC Paulista, o fenômeno do Novo Sindicalismo e a luta pela Anistia - que influenciaram na criação da ADPUC, ocorreu na PUC-Rio uma greve estudantil no ano de 1977. Em março daquele ano, a Vice-Reitoria Acadêmica divulgou uma circular em que normatizava atitudes dos professores em relação aos alunos grevistas. A confluência do que acontecia no âmbito externo, em conjunto com a efervescência política estudantil dentro do campus, suscitou um clima de indignação por parte dos docentes que sentiram sua autonomia - já atingida no âmbito nacional -, comprometida também no espaço da Universidade.

O primeiro número do *Boletim da ADPUC*, enumerado como “zero”, foi publicado no dia 12 de dezembro do ano de 1977. O periódico chegou tímido, ainda sem o formato típico de um jornal e com poucas páginas. Parecia ter como propósito inicial incitar o sentimento de mudança e, por conseguinte, uma participação crítica por parte dos professores. A manchete da primeira página, como pode ser visualizado abaixo, era “Peço a Palavra” [6], que, em termos jornalísticos, é um tanto subjetiva, visto que a manchete é o título da notícia e precisa condensar o seu conteúdo de forma clara e chamativa. Nessa, o título não diz explicitamente sobre o que se trata a matéria: ele vem como um pedido. Pode-se interpretá-lo como, mesmo com toda a repressão e censura do período, ainda existisse anseio por voz. Mas, um desejo muito marcado por um medo, visto que, era um momento que a palavra não era permitida. Os professores queriam falar e, para reverberar mais alto, precisavam de mais vozes juntas, precisavam de mais professores associados à ADPUC.



Capa do Boletim da ADPUC nº 0, dezembro de 1977.

Ao trabalhar com esse momento da fundação da ADPUC durante a entrevista feita com a professora Berenice Cavalcanti [7], que por duas vezes fez parte da diretoria da Associação, deparamo-nos com declarações nas quais ela descrevia como estava emocionada e até arrepiada ao falar sobre o assunto. A metáfora utilizada pela professora para descrever o momento de criação da ADPUC foi que era enfim possível vislumbrar uma “luz no fim do túnel” [8]. A sensação para quem ouve é que, enquanto falava, ela revivia sentimentos que experimentou à época. É o que a professora e escritora Janaína Amado, no artigo *O Grande Mentiroso* [9], aborda: como, ao trazer o passado para o presente, o recriamos, ao passo que também o projetamos no futuro. É então que ocorre o diálogo entre a história e a memória. Por meio desse relato e da recriação daquele período, podemos nos apropriar de vivências que não experimentamos diretamente [10].

Para a memória da PUC-Rio, é rico comparar o que está no *Boletim da ADPUC* com o que está na memória dos professores associados. Podemos, com isso, não nos limitarmos a uma dimensão dos fatos apenas, mas entender também a dimensão simbólica [11] do que foi esse movimento dos professores. Assim sendo, compreender a importância da ADPUC para aquele período, como os desdobramentos das suas conquistas até os dias atuais. É evidente que o caminho não foi fácil. Nem todas as ideias iniciais conseguiram ganhar corpo. Houve fases de empolgação e outras de desmobilização. Não obstante, essa esperança que se lê nas primeiras publicações da ADPUC gerou frutos.

3.3 - O Boletim da ADPUC: Uma teia de significados

Em um primeiro momento, é válido nos determos em uma tentativa de desenvolver uma descrição densa do que foi o *Boletim da ADPUC*. Noção essa defendida pelo antropólogo Clifford Geertz, que diz que:

A importância da etnografia feita através da descrição densa está em perceber as particularidades, ou miudezas através das seguintes quatro características: “ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixa-lo em formas pesquisáveis (...) ela é microscópica” [12].

Atermo-nos às particularidades do periódico é uma tentativa de interpretá-lo “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado” [13]. Para isso, procurei perpassar pelas características gráficas do jornal, a forma como foi armazenado, quais assuntos são abordados e como o conteúdo foi distribuído ao longo da publicação, ou seja, caminhar pelas miudezas do *Boletim*.

Nem todas as edições do *Boletim da ADPUC* foram encontradas. Entre os anos de 1977 e 1990 foram reunidas vinte e duas edições, e também duas edições, uma de 1982 e outra de 1983, de uma outra publicação chamada *Jornal da ADPUC*. Uma observação interessante é que, mesmo sem ter havido o pedido, os professores entrevistados trouxeram edições do periódico que tinham guardadas para ceder ao acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio. Foi um armazenamento que não ocorreu por uma preocupação com a memória da Associação, mas, sobretudo, por uma afeição dos professores com um artigo e/ou matéria publicada naquela edição.

Uma característica peculiar que é possível observar nos *Boletins* são as tentativas do estabelecimento de uma linha editorial, com a presença de uma enumeração das edições. Mas nunca se chegou a um padrão de fato e a enumeração ao longo dos anos é confusa, voltando a contagem a partir do número 1 pelo menos três vezes. Já quanto à periodicidade do *Boletim*, a pretensão era de ser quinzenal, porém se mostrou desordenada, sendo, sobretudo, de uma edição ao mês, o que pode ser comprovado comparando a enumeração e a data de algumas edições. Há exceções, como, por exemplo, no caso de setembro de 1982, no qual foram publicados dois boletins em um mesmo mês.

A forma como um jornal é estruturado graficamente, por mais que possa passar despercebida pelo olhar desatento, não é por acaso e pode nos dizer muito. Como se pode ver na digitalização da primeira página do exemplar mostrado anteriormente, nos primeiros anos, o *Boletim da ADPUC* não tinha a cara de um jornal. Por conta disso, recebeu críticas por parte dos leitores que esperavam a publicação de artigos mais elaborados e foi, inclusive, comparado a publicações estudantis. No *Boletim* número dois [14], rebatendo as críticas, a editoria do jornal deixou claro que buscava ser um órgão noticioso, e não de textos mais rebuscados – explicitando o desejo da criação de uma revista da ADPUC, que nunca veio a existir de fato. Além disso, queria, como também publicado no editorial, ser um instrumento de comunicação entre todos os associados sem discriminação de ideias.

Somente o exemplar de março de 1979 [15] foi publicado com a forma gráfica de um periódico de fato. Nesta edição, é possível visualizar a presença de manchetes anunciando o conteúdo de todo o jornal na primeira página, o que chama a atenção do leitor e pode, possivelmente, fazer com que ele se interesse em adentrar as páginas do periódico, aproximando-se da típica estratégia utilizada pelos jornais de grande circulação. As chamadas das matérias vêm com títulos fortes em negrito, com palavras que podem atizar a curiosidade do público como, por exemplo, greve, Macarthismo e intolerância. Nos exemplares anteriores, isso ou não estava presente ou se apresentava em um sumário, nada condizente com uma linguagem jornalística.



Capa do Boletim da ADPUC nº5, março de 1979.

É também nessa edição que o logotipo com a forma de galo é utilizado pela primeira vez, cujo simbolismo é grande e conversa com o seu público alvo, criando uma identificação para com os leitores. Usam da figura do galo como representação do ideal de pluralismo e união pregado pela ADPUC. Inspirado em um poema de João Cabral de Melo Neto, fica claro nos versos o anseio por ser um lugar de encontro e de respeito:

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos... [16]

A diversidade de temas abordados nas matérias do *Boletim* pode ser vista como uma confirmação dessa busca pelo plural e participativo. Nos textos dos primeiros anos, muito por conta do momento de maior conturbação política, discorria-se bastante sobre problemas da sociedade e do mundo que iam, por exemplo, desde a censura vigente no período, passando pela relação do futebol com a política e chegando à situação da Nicarágua. Já na primeira edição [17] havia um pedido pelo envio de contribuições, sejam essas de ideias ou de textos, por parte dos professores. Nesse mesmo número está também explícito o desejo pela criação de um Departamento Cultural da ADPUC, no qual se discutiria temas relacionados ao cinema, música, teatro e literatura. Com o passar dos anos, e o desenrolar do processo de abertura, a

política já não entusiasmava tanto assim ou passou a ter novas vias de expressão. As matérias então passaram a ter essencialmente foco em assuntos internos da própria Universidade ou relacionados ao sindicato. Durante esse período houve, inclusive, momentos com a presença de um olhar mais crítico para com a própria Associação, com a publicação de artigos que analisavam a atuação da ADPUC na Universidade.

Além das matérias escritas pelos próprios associados, a transcrição de outros conteúdos era também frequentemente presente, como, por exemplo, de textos de periódicos de outras ADs e de jornais de grande circulação, de comunicados da Associação Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES), entre outros. As seções do periódico nunca chegaram a um padrão efetivo. A maioria, inclusive, não durou mais do que um número. O Editorial esteve presente em todas as edições analisadas, variando apenas a página na qual era publicado. As demais matérias eram distribuídas de forma difusa pelo jornal e por vezes havia uma convergência de assuntos entre as matérias de uma mesma página, por vezes não.

3.4 - Índícios de uma luta reivindicativa

Para analisar a luta da ADPUC escolhi me ater a duas ocasiões de grande mobilização, analisando como elas foram divulgadas pelo jornal e como estão presentes na memória dos professores. Ainda que esses eventos não consigam abranger tudo pelo que a ADPUC lutou, eles podem nos servir de indícios para, assim como apontado pelo historiador Carlo Ginzburg [18], nos ajudar a compreender os valores e a identidade da Associação. São eles: o chamado Caso PUC (também conhecida como Crise da Filosofia) e a greve de 1981.

A ideia de usar os dois momentos surgiu a partir da leitura do artigo *PUC e ADPUC: faces de um mesmo impasse* [19], publicado no Boletim da ADPUC escrito pelas professoras Maria Alice Rezende de Carvalho e Berenice Cavalcante. Mesmo sendo escrito no calor do momento, nele é feita uma análise histórica e não apologética da PUC e da própria ADPUC que pode caracterizá-lo facilmente como um texto formador da história e memória da Associação. Essa foi uma leitura fundamental para o meu entendimento dos episódios e do porque eles podem servir como metonímia da luta da ADPUC.

O primeiro caso aconteceu no ano de 1979: quatro professores, após serem demitidos, foram até a imprensa denunciar que a PUC-Rio praticava “ditadura ideológica”, “terror cultural” e estava “a serviço da ideologia marxista” [20]. Nesse caso, foram “apelos políticos de ordem mais geral que sensibilizaram o conjunto da Universidade” [21], incluindo a própria Reitoria. Foi um momento no qual os professores e estudantes saíram em apoio à Reitoria e aos departamentos acusados. Assim, “a união se configurou em torno da defesa da Universidade enquanto um espaço crítico e pluralista ameaçado pela nova forma que assumia o controle ideológico na sociedade” [22].

A mobilização dos docentes consistiu na publicação de um manifesto público expressando a solidariedade no *Boletim da ADPUC*. Além disso, uma assembleia descrita como “memorável” [23] foi realizada, na qual ocorreu a leitura de nota dos professores aos estudantes.

O caso repercutiu em diversos jornais de outras ADs que saíram em defesa da Universidade; no *Boletim da ADPUC* é possível encontrar a transcrição de alguns desses textos. Além deles, jornais de grande circulação também passaram a comentar o caso. Na Tribuna da Imprensa, o jornalista Sebastião Nery saiu em defesa à PUC-Rio:

Caso da PUC é um caso de montagem policial da direita pressionar à PUC, encurralar a Igreja, perturbar o processo de abertura e redemocratização. É simplesmente um caso de polícia. E o nome disso é Macarthismo. [24]

O acontecimento, apesar de na época ter mobilizado bastante a Universidade e, por conseguinte, os docentes, não foi inicialmente lembrado pelos entrevistados. A professora Berenice Cavalcanti [25], que em 1981 foi uma das autoras do artigo no qual a Crise da

Filosofia é trazida como uma das expressões de movimentos reativos da Associação, não citou o caso em nenhum momento da entrevista, nem sequer quando falava sobre os marcos da Associação. Já para Eduardo Jardim [26], o ano de fundação da ADPUC teria sido 1981 que supostamente teria sido criada por conta das grandes mobilizações que ocorreram naquele período. Comparando o relato com as informações achadas no *Boletim* foi interessante perceber que o professor associa a criação da Associação ao ano que ele havia sido eleito para o Conselho de Representantes da ADPUC. Ambos os casos mostram que, assim como apresentado por Le Goff [27], a “memória é fiel e móvel”, sendo, portanto, um cruzamento entre a lembrança e o esquecimento.

É justamente em 1981 que acontece o segundo episódio. Sempre um dos primeiros a ser lembrado durante as entrevistas, é o exemplo perfeito do indício de Ginzburg [28]. Mas, antes de falar sobre esse ano emblemático para a história da Universidade e da ADPUC, cabe explicar melhor a relação entre a Associação e os órgãos administrativos da PUC-Rio, com os quais houve atritos desde a fundação da ADPUC e fez com que a sintonia com a Reitoria fosse impossível no ano de 1981.

O conflito foi iniciado assim que os professores manifestaram, em 1977, o interesse de criar um espaço de representação participativa e crítica. Segundo publicado no *Boletim*, houve uma “resistência por parte da Reitoria em reconhecer e conviver com o esboço de uma organização que tentava restabelecer o nexos entre ‘técnico’ e o cidadão” [29]. Por conta disso, a primeira reunião da Associação foi feita no Colégio São Vicente de Paulo, localizado no bairro do Cosme Velho, e a existência da ADPUC só foi reconhecida pela Reitoria muitos anos depois de sua fundação.

Tal fato representava uma contradição, visto que, como apontado no artigo publicado no *Boletim*, nos anos de chumbo da Ditadura Militar, a PUC-Rio, com sua orientação ecumênica, “sempre teve uma política de acolhimento a todos aqueles que viam as suas possibilidades de exercício profissional vedadas em outras instituições” [30]. A questão era como a Universidade poderia levar em frente “um projeto pluralista sem afirmar princípios democráticos que comportam a participação dos professores na definição dos seus próprios destinos?” [31].

No ano de 1981 esse dilema se agravou. Professores dos departamentos de Sociologia, Filosofia e Comunicação Social da PUC-Rio foram demitidos com a justificativa de motivos financeiros e razões institucionais [32]. Os departamentos atingidos buscaram soluções como a redução da carga horária do conjunto dos professores e, mesmo assim, não obtiveram êxito. A verdadeira motivação foi se mostrando menos financeira e mais político-ideológica. Foi então que os professores da Universidade declararam greve pela readmissão dos professores demitidos.

A contradição se fixava entre uma universidade que, nos tempos de maior fechamento do Regime, abriu as portas para professores cassados e, no momento de abertura política, demitiu professores por razões ideológicas. O professor Eduardo Jardim, que trocou a UFRJ pela PUC-Rio ainda na época de estudante, contou que, nos tempos de forte repressão política, a PUC-Rio era “como respirar” [33]. Para ele [34], o ano de 1981 representou que a Universidade viveu movimentos de sístole e diástole, metáfora essa utilizada para figurar esse abrir e fechar as portas.

Além disso, outra reivindicação dos professores grevistas era o reajuste salarial. Há algum tempo já havia um descontentamento por parte dos professores pela situação de diferença salarial entre os departamentos da Universidade. O Centro Técnico Científico (CTC) tinha financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e por isso os professores de lá recebiam salários maiores que os que lecionassem no Centro de Ciências Sociais (CCS) ou no Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH). Para a ADPUC isso caracterizava “um distanciamento que a Universidade ia assumindo em relação aos seus

assembleias como o motivo de fundação da ADPUC e fez questão de indicar em que auditório eram feitas, questionando se a sala ainda era chamada de “B”. Ele também lembrou que o clima de entusiasmo era tanto que recorda de atitudes suas que até hoje não acredita tê-las feito, como o exemplo de ir até o Palácio São Joaquim, em companhia do professor Ronald Shellard, pedir a reintegração dos professores demitidos para o delegado do Cardeal Dom Eugênio Sales, feito esse que Eduardo caracterizou como uma simples ilusão juvenil. Já sobre o padre Mac Dowell S.J., o professor o definiu como um homem corajoso, que encarava as grandes assembleias nas quais era contestada a posição das autoridades.



Assembleia de professores em momento de uma votação. 1992.
Fotógrafo Julio Cesar Mello. Acervo Comunicar.

Berenice [39] também fez questão de falar sobre o auditório “B2” e assinalar onde ele era localizado. Disse ainda que as assembleias eram lotadas, com a presença de setecentos professores e que elas eram bastante acaloradas e interessantes, com a presença de uma pluralidade de pontos de vistas muito grande. Mac Dowell, por sua vez, foi chamado de fenômeno. A professora disse acreditar que, na memória de qualquer um que esteve presente nas assembleias, está a imagem de Mac Dowell em pé, impassível, não movendo um músculo, enquanto ouvia de tudo um pouco. Para ela, a metáfora perfeita para definir o Reitor é que ele era a personificação de um quadro, cumprindo o seu papel perfeitamente e assumindo a responsabilidade para si.



Reitor Padre Mac Dowell S.J. em frente aos professores durante reunião sobre a demissão de professores. 1981. Fotografia Antônio Albuquerque. Acervo Núcleo de Memória da PUC-Rio.

Por fim, é importante ressaltar que a Crise da Filosofia, a greve de 1981 e os tantos outros momentos de maior mobilização da ADPUC resultaram em alterações profundas para o conjunto da Universidade. Conquistas a serem destacadas foram as mudanças nas cláusulas de admissão e demissão de professores, que passaram a dar maior importância de decisão aos órgãos colegiados da Universidade, e o estabelecimento do chamado Modelo PUC presente até os dias atuais, que visa uma integração harmônica entre ensino, pesquisa e sociedade.

3.5 - O esvaziamento da Associação

A atuação da ADPUC não foi integralmente caracterizada por grande mobilização. No artigo *PUC e ADPUC: faces de um mesmo impasse*, a ação da Associação é definida como “espasmos periódicos”, com a presença de “momentos ‘gloriosos’ em sua história” [40]. Ou seja:

[...] são atuações episódicas que são reações àquilo que é entendido como atitudes que ferem frontalmente o livre exercício de pensamento e crítica no interior da PUC, não há estímulo a um estado permanente de intervenção organizada no cotidiano da Universidade. [41]

O último *Boletim* a qual tive acesso foi a edição chamada “especial”, publicada em outubro de 1990. Contudo, foram encontrados documentos soltos de anos posteriores, mas nada suficientemente exato para entender de fato o fim da ADPUC. Alguns motivos apontados para o momento letárgico no início da década 1990 são, por exemplo, a desmobilização dos professores após uma longa batalha pela questão salarial em 1991 e uma apatia geral durante o governo Collor [42]. Em um desses documentos a explicação dada é que:

Era um momento em que o que parecia viável era cada um cuidar de sua área pessoal ou coletiva mais imediata. A recessão favorecia este movimento já que impunha, na época, a necessidade de soluções individuais rápidas para compensar seus efeitos o que conduzia a um distanciamento e um isolamento de cada um, individualmente ou em seu pequeno grupo, em seu mundo de problemas. [43]

Outro informativo [44], datado de maio de 1993, descreve que a ADPUC estava “acéfala” há mais de um ano e indica que diretoria da Associação tomaria medidas como redistribuição dos fundos depositados na sua conta bancária e renunciaria ao mandato, o que aponta para um fim próximo. Ressalta, porém, que ainda acredita no ideal de uma organização

solidária de professores e que continuarão esperançosos para o surgimento de um movimento de reorganização da ADPUC entre os colegas. Em novembro do mesmo ano, o *Jornal da PUC* cita a ADPUC como “um órgão já extinto” [45].

No *Boletim* de 1990 [46], o que se pode notar é a ainda presença de uma confiança na ação dos docentes. Por conta do esgotamento do modelo de financiamento da Universidade, a sobrevivência da PUC-Rio estava em risco. O que o editorial da edição destaca é que, por não ser uma novidade, o fato já não mobilizava mais os professores, “a não ser nos momentos em que a crise se agudiza e o reflexo se faz diretamente” sobre os salários [47]. No entanto, acreditava que a questão tem um caráter urgente e a ADPUC devia participar aprofundando o debate em torno do Modelo PUC, caminhando assim, para que a Associação encontrasse novamente a sua identidade. O que foi visto, porém, é que essa identidade foi se perdendo ao decorrer dos anos seguintes.

Para Berenice Cavalcante [48] a questão da criação da pós-graduação foi o que pesou nos anos 1990. Em um momento no qual o ensino estava sendo pensado de forma muito tecnicista, o Departamento de História estava tentando criar uma pós-graduação que fosse contra isso, visando possibilitar uma reflexão filosófica e interdisciplinar. Nesse sentido, destacou que cada departamento estava pedindo mais de seus professores e que, no seu caso, teve que comparecer a inúmeras reuniões para pensar na montagem do mestrado. Contou que, muito esporadicamente, os professores se encontravam pelos corredores, restaurante e bandejão, e sempre falavam “vamos reunir por causa disso, por causa daquilo”, mas eram poucas as pessoas que compareciam.

Já a professora Margarida de Souza Neves [49] acredita que a diminuição nos anos 1990 tem relação com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o que chamou de certa “taylorização” da pós-graduação, o que para ela resultou em um “esgarçamento do tecido conjuntivo entre os professores”. A professora contou que, no seu ponto de vista, a pressão das agências de fomento fazia cada um se fechar na sua ilha. O que se pedia era publicar, publicar, publicar, não interessando muito o quê.

Seja qual foi o motivo exato para o seu fim, o que ficou evidente foi que a ADPUC deixou um espaço de falta na PUC-Rio. Um sentimento de saudade sentindo não apenas pelos professores: por mais que a ADPUC tenha tido sua história marcada por desentendimentos com a Administração Central, no Relatório Anual da Reitoria do ano de 1999 [50], o então Reitor Padre Jesús Hortal Sánchez S.J. diz que sente saudades da ADPUC, ou melhor, a falta de um órgão de representação dos professores.

3.6 - Conclusão

Esta pesquisa ajudou a entender a história e a memória da PUC-Rio como uma colcha de retalhos, na qual cada pedaço foi doado por diferentes sujeitos. Os professores da ADPUC, como sujeitos coletivos, foram um desses doadores. Suas vozes, caso prestemos atenção, podem ser escutadas até hoje pelos corredores, salas e pilotis da Universidade. Tanto na forma de direitos conquistados, como também na memória oral dos professores que ainda hoje continuam lecionando na instituição cujas feições atuais eles ajudaram a moldar. Hoje, mesmo o país se encontrando numa situação política instável, há o direito da liberdade de expressão. Se os professores tentaram a todo custo fazer sua voz ser escutada em um momento no qual o direito de falar estava comprometido, cabe a nós hoje reconhecer a importância desse ato de coragem. Precisamos querer escutá-los.

Para que eu possa auxiliar um pouco nisso, acredito que preciso continuar a busca e a análise de documentos relativos à ADPUC e encontrar outros exemplares do *Boletim da ADPUC*, já que os buracos entre uma edição e a próxima comprometem um entendimento mais amplo do período. Mais documentos relativos à década de 1990 também seriam interessantes, tornando possível discorrer mais sobre o problema de financiamento da

Universidade e a participação dos docentes na resolução desse impasse pelo qual passou a PUC-Rio, o que tudo indica que tenha sido a última tentativa de grande mobilização da ADPUC e, portanto, merece uma análise mais detalhada.

Penso que para uma próxima fase da pesquisa seria também interessante fazer mais entrevistas com professores que fizeram parte da Associação. Trabalhar com a memória oral deles, analisando o que é lembrado, o que é esquecido e comparando os relatos entre si seria muito rico e poderiam me ajudar a preencher as lacunas que ficaram nesta etapa.

Também seria relevante traçar as diferentes relações que a ADPUC estabeleceu durante os seus anos de atuação. O vínculo mantido com outras ADs pela ADPUC foi, sem dúvidas, significativo para definir os valores da Associação, como também para ajudá-la nas suas lutas. A ADPUC incentivou a criação de ADs em outras instituições e participou de várias edições do Encontro Nacional dos Docentes (ENADs). A partir desses encontros se enxergou a necessidade de um órgão que representasse nacionalmente o movimento docente, cujas bases já se articulavam nas ADs [51]. Foi criada então, em 1981, a ANDES, que posteriormente veio a se tornar o sindicato da categoria. Um estudo mais aprofundado poderia abordar mais a especificidade sindical que perpassou os ideais e as lutas da ADPUC.

O contato com o movimento estudantil foi importante para a ADPUC e seria igualmente proveitoso de ser analisado. Além de por vezes ser composto por ex-integrantes do movimento estudantil, o movimento docente, segundo Marialice Foracchi, herdou dos estudantes a característica de ter “fusão da luta reivindicativa com a luta política e o seu estilo característico de luta” [52]. No livro *Brasil: Uma Biografia* é ressaltado como foi também em 1977 que o movimento estudantil voltou com força para as ruas, e acrescenta: os “estudantes adoravam ir na frente mais havia mais gente disposta a engrossar a oposição” [53].

3.7 - Referências Bibliográficas

- [1] - VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 97-105.
- [2] - LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi volume 1: História – Memória**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- [3] - OTRANTO, Celia Regina. Movimento Sindical Docente: história e crise. **Revista Universidade Rural**. Série Ciências Humanas, Seropédica - RJ, v. 22, n. 2, p. 213-230, 2000.
- [4] - SAES, Decio. Classe média e sistema político no Brasil apud Movimento Sindical Docente: história e crise. **Revista Universidade Rural**. Série Ciências Humanas, Seropédica - RJ, v. 22, n. 2, p. 213-230, 2000.
- [5] - OTRANTO, Celia Regina, op. cit.
- [6] - BOLETIM DA ADPUC. Rio de Janeiro: ADPUC, n. 0, dez. 1977. p. 1.
- [7] - CAVALCANTE, Berenice. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da PUC-Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 6 nov. 2017.
- [8] - Ibid.
- [9] - AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **Revista História**, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.
- [10] - Ibid.
- [11] - Ibid.
- [12] - GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. p. 13-41.
- [13] - Ibid.
- [14] - BOLETIM DA ADPUC. Rio de Janeiro: ADPUC, n. 2, abr. 1978. p. 2.
- [15] - Id. Rio de Janeiro: ADPUC, n. 5, mar. 1979. p. 1.

- [16] - MELO NETO, João Cabral de. Tecendo a manhã apud BOLETIM DA ADPUC. Rio de Janeiro: ADPUC, n. 4, set./out. 1978. p. 2.
- [17] - BOLETIM DA ADPUC, Rio de Janeiro: ADPUC, n. 0, dez 1977.
- [18] - GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 143-179.
- [19] - CAVALCANTE, Berenice; CARVALHO, Maria Alice Rezende de. PUC e ADPUC: faces de um mesmo impasse. In: **BOLETIM DA ADPUC**. Rio de Janeiro: ADPUC, [s.n.], nov. 1981. p. 4-5.
- [20] - NERY, Sebastião. Macartismo na PUC apud BOLETIM DA ADPUC, Rio de Janeiro, ADPUC, n. 2, p. 6.
- [21] - CAVALCANTE, Berenice; CARVALHO, Maria Alice Rezende de, op. cit.
- [22] - Ibid.
- [23] - BOLETIM DA ADPUC. Rio de Janeiro: ADPUC, n. 6, maio-jun. 1979.
- [24] - NERY, Sebastião, op. cit.
- [25] - CAVALCANTE, Berenice, op. cit.
- [26] - JARDIM, Eduardo. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da PUC-Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, out. 2014.
- [27] - LE GOFF, Jacques, op. cit.
- [28] - GINZBURG, Carlo, op. cit.
- [29] - CAVALCANTE, Berenice; CARVALHO, Maria Alice Rezende de, op. cit.
- [30] - Ibid.
- [31] - Ibid.
- [32] - BOLETIM DA ADPUC. Rio de Janeiro: ADPUC, [s.n.], março 1981.
- [33] - JARDIM, Eduardo, op. cit.
- [34] - Ibid.
- [35] - CAVALCANTE, Berenice; CARVALHO, Maria Alice Rezende de, op. cit.
- [36] - Ibid.
- [37] - BOLETIM DA ADPUC, op. cit.
- [38] - JARDIM, Eduardo, op. cit.
- [39] - CAVALCANTE, Berenice, op. cit.
- [40] - Id.; CARVALHO, Maria Alice Rezende de, op. cit.
- [41] - Ibid.
- [42] - ELEIÇÕES na ADPUC. Rio de Janeiro: ADPUC, [s.d.]. p. 1. (comunicação)
- [43] - RANGÉ, Bernard; DAVIDOVICH, Maria Augusta; LIMA, Reynaldo L. M. Taylor de; FRANCO, Vera Damazio; PACIORNIK, Sidnei; ALENCAR, José Eudes Araújo. **Aos professores da ADPUC**. Rio de Janeiro: ADPUC, [s.d.]. p. 1.
- [44] - RANGÉ, Bernard; DAVIDOVICH, Maria Augusta; LIMA, Reynaldo L. M. Taylor de; FRANCO, Vera Damazio. [s.t.]. Rio de Janeiro: [s.n.], maio 1993. (comunicação)
- [45] - ANA WALESKA assume e quer incentivar criação de projetos. In: **Jornal da PUC**, Rio de Janeiro, PUC-Rio, n. 52, nov. 1993, p. 4.
- [46] - BOLETIM DA ADPUC. Rio de Janeiro: ADPUC, ed. Especial, out. 1990.
- [47] - Ibid.
- [48] - CAVALCANTE, Berenice, op. cit.
- [49] - NEVES, Margarida de Souza. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da PUC-Rio. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 6 nov. 2017.
- [50] HORTAL, Jesús. **Relatório da Reitoria da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro 1999**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1999. p. 15.
- [51] - DONATONI, Alaíde Rita. Os Docentes Universitários e a Criação do ANDES - SN. In: **Educação e Filosofia**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. nº 35/36, v. 18, p. 179-206, 2004.

- [52] - RIDENTI, Marcelo Siqueira. ANDES: Representação Política e Sindical de Professores Universitários. **Revista Cadernos de Pesquisa**, n. 93, p. 72-80, 1995.
- [53] - SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 475.